



Centro de Ensino Superior Piauiense Ltda
Diretoria Acadêmica – DA
Coordenação do Curso de Licenciatura em História

RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA FILHO

**DO CAMPO DO BRILHANTE AO PAU-DA-MOÇA: As Memórias e as Histórias
da Rua Rui Barbosa nas décadas de 1960 e 1970**

TERESINA-PI

2011



Centro de Ensino Superior Piauiense Ltda
Diretoria Acadêmica – DA
Coordenação do Curso de Licenciatura em História

RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA FILHO

**DO CAMPO DO BRILHANTE AO PAU-DA-MOÇA: As Memórias e as Histórias
da Rua Rui Barbosa nas décadas de 1960 e 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Piauiense – FAP,
para obtenção do Título de Licenciado em
História, sob a orientação da professora Ms.
Maria Lindalva S. Santos.

TERESINA-PI

2011

RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA FILHO

**DO CAMPO DO BRILHANTE AO PAU-DA-MOÇA: As Memórias e as Histórias
da Rua Rui Barbosa nas décadas de 1960 e 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Piauiense – FAP,
para obtenção do Título de Licenciado em
História, sob a orientação da professora Ms.
Maria Lindalva S. Santos.

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ms. Maria Lindalva S. Santos (Orientadora)

Faculdade Piauiense

Prof^o Ms Demétrios Gomes Galvão (1^o Examinador)

Faculdade Piauiense

Prof^a Ms Ângela Maria Macedo de Oliveira (2^a Examinadora)

Faculdade Piauiense

*Para o Grande Arquiteto do Universo.
Para minha família, em especial meu Pai e
minha Mãe, que sempre acreditaram em
mim. Para os que contribuíram em minha
vida, de forma positiva ou negativa.*

AGRADECIMENTOS

Parafrazeando Isaac Newton, que disse, “Sou, o que sou, porque me apoiei nos ombros de gigantes”. Os gigantes em quem me apóio são Seu Zé Pequeno e Seu Antônio Roxo, que foram homens que enfrentaram a vida da maneira como ela se apresentou.

Agradeço à minha família, em especial meu Pai, Raimundo, e minha Mãe, Vera, os quais mesmo nos momento difíceis me deram forças para prosseguir.

Agradeço às pessoas que estiveram sempre presentes em meus estudos, meus amigos de escola, Escola “Dílson Fernandes”, Unidade Escolar “Dom Severino” e Unidade Escolar “Edgar Tito”, onde pude aprender e fortalecer minhas relações com a História.

Agradeço à minha Orientadora, Maria Lindalva Santos, que sempre me deixou à vontade para imprimir meu estilo à minha pesquisa, e sempre esteve disponível dando sugestões de referências e contribuindo para a delimitação do objeto.

Agradeço aos Mestres da FAP, Ana Carlota, Nalva, Elimária, Elenir, Maria de Jesus, Carlos Medino, Jarbas, Mairton, Leila, Jaison, Julinete, Bedárd, Lilian, Lindalva, Raquel, Ângela, Demétrios, Audrey, Gardene e Bernadete, aos quais sou muito grato pelos conhecimentos recíprocos.

Agradeço aos meus companheiros e companheiras de turma, André, Elyjane, Erlane, Honofre, Flávia, Itamar, Décio, Cíntia, Cleyton, Eridan, Erivan, Pedro, Luís Carlos, Luís Gonzaga, Raniere, Pinheiro, Tatiana, Susy, Daniel, Kelson, Adriana, Charlley, João, Suely, Alex, que através de suas histórias de vida me fizeram perceber o quanto eram pequenos os meus problemas.

Agradeço aos meus entrevistados, Dona Davina, Seu Alcides e Seu Antônio, que revestiram a “cara feia” da teoria com uma “camada bem espessa” de sabedoria e bom humor.

Registro aqui, pedido de desculpas, se por algum motivo esqueci de citar alguém.

*A Cidade
E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrô
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs*

Chico Science

RESUMO

Esta pesquisa aborda de forma simples, dentro da temática da historiografia urbana, o processo de formação e ocupação do espaço da Rua Rui Barbosa, no trecho compreendido entre o Cemitério São José e a região da antiga ETURB. Trata-se do estudo das imagens expresso nas narrativas de alguns moradores e ex-moradores da Rui Barbosa, sobre seus territórios de vida em que constroem sentido de identidade em seus deslocamentos e pertenças. Dessa forma trás à tona uma diversificada de histórias que apresentam a rua como palco de várias ações . Para tanto utilizei a metodologia da História Oral e das teorias de memória coletiva e representações. Além disso, utiliza-se como suporte os trabalhos de historiadores locais, que abordam o período de 1960 e 1970

PALAVRAS-CHAVE. História, Memória, Rua Rui Barbosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. HISTÓRIA, MEMÓRIA E CIDADE	11
1.1. História e Cidade.....	11
1.2. O Espaço e as Representações da Rua Rui Barbosa.....	15
2. AS HISTÓRIAS E RELAÇÕES SOCIAIS DA RUA RUI BARBOSA.....	
2.1. O processo de formação do Espaço da Rua Rui Barbosa.....	
2.2. Histórias do Caminho.....	
2.3. A “trilha” dos Marchantes.....	
2.4. O Matadouro Municipal.....	
2.5. As “quintas”	
2.6. O “Batismo” da Rua do “Pau-da-Moça”	
2.7. Lugares “místicos” e histórias engraçadas.....	
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
4. REFERÊNCIAS.....	

INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver um estudo sobre uma rua, no caso a Rua Rui Barbosa, surgiu do anseio pessoal de entender o processo de formação da região em que nasci e me criei. Ao iniciar o curso de História tinha em mente abordar apenas a história do bairro São Joaquim, porém, no decorrer do curso, na ânsia em descobrir informações sobre meu bairro, acabei por descobrir minúcias sobre outros bairros da Zona Norte de Teresina. Mas, nessa colcha de retalhos, não sabia como relacionar a formação de um bairro ao outro, foi aí que surgiu a ideia de abordar as histórias da Rua Rui Barbosa no trecho que vai do Cemitério São José até a antiga ETURB (Empresa Teresinense de Urbanismo), daí vem o motivo da escolha do título da monografia “Do Campo do Brillhante ao Pau-da-Moça”, e com isso pude, de forma acanhada, analisar as memórias e as histórias que envolvem esse espaço no período das décadas de 1960 e 1970.

A Rui Barbosa se apresenta como espaço de convivência de múltiplas relações sociais. É o lugar da diferença, da diversidade e das tensões dos atores sociais que, para aí convergem, constituindo a legitimidade social da Rua e fazendo desse espaço um lugar de Memória e expressão simbólica. Destaco que, mesmo sem ter vivido durante o recorte histórico em estudo, tenho uma ligação afetiva muito forte com o tema, uma vez que a formação e sustento da minha família têm raízes na Rua Rui Barbosa, principalmente durante o período de maior produção de tijolos nas olarias.

Para construção deste trabalho, fui inspirado pela obra a “A CIDADE SOB O FOGO: Modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)”,¹ de autoria do historiador Francisco Alcides Nascimento. Nesta produção, com o auxílio da metodologia da História Oral, Nascimento trabalha a temática da cidade ao refletir sobre o período do Estado Novo em Teresina. O trabalho de Alcides apresenta-se como inovador para a historiografia piauiense, primeiramente por utilizar uma multiplicidade de discursos, segundo pela própria construção da obra que demonstra uma maneira nova de narrar a história da cidade, problematizando o caráter autoritário da modernização, demonstrando que nem todos foram beneficiados com essas mudanças urbanas, e por último a sensibilidade do autor em se apropriar dos modos de viver da sociedade teresinense naquela época. Lembrando que viver deixa vestígios (documentos), mas esses *vestígios* só se tornam documentos depois de raptados por discursos que lhe dão não somente visibilidade, mas sentido e estrutura; o historiador transformou os vestígios

¹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: Modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2002.

em documentos para a História, isto é, lhe deu uma dimensão dentro do conhecimento, trabalhando para constituir sua existência estruturada e significativa.

De igual modo, foi inspiradora a leitura da dissertação de mestrado da professora Regianny Lima Monte, uma vez que favoreceu a ampliação daquilo que pensava conhecer sobre realidade da capital do Piauí na década de 1970. Monte descreve o processo de inchaço e segregação urbana, refletindo sobre como Teresina, nos anos 1970, foi “pensada não só pelas elites, mas também pelas camadas pobres, analisando como essas pessoas avaliavam e caracterizavam as mudanças que estavam ocorrendo no tecido urbano da capital”.² A historiadora procura identificar o impacto das mudanças geradas pelo processo de modernização autoritária na vida das pessoas.

Também destaco a importância do trabalho de Raquel Rolnik³, autora que faz uma análise do fenômeno urbano na obra “*O que é cidade*”. Rolnik aborda a cidade como escrita, fazendo um paralelo temporal entre o surgimento e desenvolvimento de uma e de outra. A cidade é tida como local de produção e fixação de uma memória, “é como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases.”⁴ O espaço urbano é entendido, dessa forma, por meio de códigos, pois, nas suas multifaces, a cidade se configura como um texto passível de diferentes leituras e interpretações. Além disso, por sugestão de minha orientadora utilizei o livro “*Rua Carapinima, Ecos e Ícones*”, do escritor Paulo Aragão⁵. O livro descreve a rua natal de Aragão através das suas memórias e das memórias dos antigos moradores.

A cidade, muito mais do que sua apresentação visível, enxergada nos elementos que constituem sua materialidade urbana, é também sensibilidade. Sendo assim, é possível estudá-la a partir da percepção das subjetividades, dos valores, dos sonhos e das mudanças de interesses que o viver urbano propicia. Para efeito de construção de uma história da Rua Rui Barbosa é, sobretudo, essa dimensão de sensibilidade que nos interessa. Sensibilidade que tentamos analisar a partir da memória de pessoas que vivenciaram as mudanças perpetradas no cotidiano social desse pedaço da cidade de Teresina, afinal, a memória da cidade é também a memória dos seus habitantes.

A Rua Rui Barbosa como via de deslocamento é anterior ao período em estudo. Na década de 1950 se estendia da Praça Saraiva até o Matadouro Municipal, mas, a

² MONTE, Regianny Lima. A CIDADE ESQUECIDA: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. 2010. 250 fl. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

³ ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁴ ROLNIK, Raquel. Op. cit., p.18.

⁵ ARAGÃO, Paulo Maria de. *Rua Carapinima: ecos e ícones*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.

partir da década de 1960 passa a interligar de forma direta o Bairro Poti Velho ao Centro da cidade.

Nesta pesquisa, procuro analisar as histórias e as memórias da Rua Rui Barbosa através das narrativas dos seus antigos (ex)moradores. Além disso, o presente trabalho pretende destacar a importância econômica da referida via de tráfego, associando-a ao processo de modernização em Teresina durante o Regime Militar.

Lembrando que os moradores de uma cidade formam, *na e para* a cidade um acervo de memórias que guardam lembranças individuais e coletivas reveladoras, analiso as lembranças de (ex)moradores da Rui Barbosa, os quais embora ocupassem lugares de sujeitos diferentes, partilharam a experiência de habitar nessa rua durante vários anos e, que, portanto, vivenciaram algumas das transformações que marcam a trajetória desse caminho.

A pesquisa insere-se na perspectiva da Nova História Cultural, considerando que esta apresenta uma nova forma de se fazer história, na qual se ampliam as análises para outros vieses. Quanto ao estudo das cidades contemplam um campo amplo de abordagens, desde o político e econômico ao material e simbólico. Quanto ao olhar simbólico são percebidos gestos, comportamentos, imaginários, sensibilidades e sociabilidades. Enfim, um conjunto de percepções do viver urbano que passou a ser alvo de estudos de historiadores partidários de uma história cultural urbana. Para Pesavento,

[...] os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade. E o imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade – no caso, a cidade.⁶

Esta monografia insere-se nessa perspectiva ao propor trabalhar um exemplo significativo da cidade, uma rua, seus moradores e suas histórias arquivadas no baú de memórias. Para tanto, aproprio-me da noção representação proposto por Roger Chartier. Para Chartier, representação significa

[...] primeiramente, as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, jun./2007. p. 15.

percebida, construída, representada; em seguida, os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma memória própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder; enfim, as formas institucionalizadas através das quais ‘representantes’ encarnam de modo visível, ‘presentificam’, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder.⁷

A noção de representação torna-se importante, principalmente, numa perspectiva simbólica, pois propomos aqui compreender as multiplicidades de representações produzidas a partir do resultado das experiências concretas de homens e mulheres que moravam e moram na Rui Barbosa, considerada “lugar de memória”, memória aqui entendida como dotada de vida, “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”.⁸

A noção de memória nos permite investigar as lembranças dos diversos atores sociais do cotidiano da cidade e da Rui Barbosa, buscando velhas histórias narradas ou inventadas de seus moradores, um mundo de homens e mulheres povoando esses “lugares de memória”, que representam “antes de tudo, restos” de memória e caracterizam-se por sua materialidade, simbolismo e funcionalidade. Para Nora, os lugares de memória

É material por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mais simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou.⁹

A noção de “lugares de memória”, portanto, torna-se essencial à representação de divisão espacial significativa para os moradores que vivenciaram o desenvolvimento, as transformações e os problemas que marcam o passado da Rui Barbosa.

Para efeito de esclarecimento, utilizo as noções de espaço e lugar propostas por Michel de Certeau, a saber:

⁷ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p.169.

⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981. p.09.

⁹ NORA, 1981, p.22.

O espaço é um lugar a ordem (qualquer que ela seja) segundo a qual os elementos são distribuídos em relações de coexistência. Encontra-se aqui, então, excluída a possibilidade de duas coisas estarem no mesmo lugar. A lei do ‘próprio aí reina’... Há espaço desde que se considere vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis... O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada... Em suma, o espaço é um lugar praticado.¹⁰

A metodologia fundamental para esta pesquisa foi o método da História Oral, visto que o nosso principal objetivo é reconstruir o passado através das lembranças dos atores que moravam ou moram na Rui Barbosa. Isso foi possibilitado pelas entrevistas realizadas com o Sr Antônio Carvalho Neto (morador da Rui Barbosa desde 1962), Alcides Alves da Silva(ex-morador) e Dona Davina (ex-moradora). São pessoas que moram ou já moraram na Rui Barbosa, e que são portadoras de lembranças desse espaço. Segundo Thompson,

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...]. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. [...] Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história.¹¹

Nessa perspectiva, escolhi o tipo de entrevista temática para seguir a trilha da memória, em busca de velhas histórias de uma rua. A bibliografia de sustentação metodológica da pesquisa é tributária da área de História e memória, assim como aquela referente ao processo de modernização das cidades. A pesquisa orientou-se, também, pela análise dos jornais de época, dentre os quais podemos citar: *O DIA* (1969), *O Jornal do Piauí* (1970) e *Correio do povo* (1975). Os jornais funcionam como importantes interlocutores das diversas concepções dos grupos sociais que constituem uma determinada comunidade com suas representações acerca das transformações ocorridas no espaço urbano. Com isso, os jornais tornam-se fontes fundamentais desta

¹⁰ CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994. p. 172-173.

¹¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 44.

pesquisa por permitirem o acesso aos discursos sobre a cidade de Teresina e o cotidiano dos seus moradores no período recortado, conciliando-se, assim, memória oral e memória escrita, na busca de desvendar as tramas do cotidiano, dos modos de vida, das representações e da organização das pessoas no cenário urbano.

No Primeiro Capítulo abordo o tema cidade, além de analisar a relação entre memória e cidade para a produção historiográfica. Ainda no primeiro capítulo descrevo a relação entre o espaço e as representações da Rua.

No Segundo Capítulo destaco as transformações sociais da Rua Rui Barbosa nas décadas de 1960 e 1970. Dentro do Segundo Capítulo analiso a importância econômica da Rua Rui Barbosa, prossigo destacando as histórias da Rua, através dos relatos dos antigos moradores.

I-HISTÓRIA, MEMÓRIA E CIDADE

1.1 História e Cidade

A Historiografia atual é marcada pela variedade de temáticas que abordam as mais diferentes vertentes, sendo uma delas os estudos que enfocam o espaço urbano, o qual se subdivide em outros segmentos, como a modernização urbana, as relações sociais do cotidiano e das representações, além dos fluxos migratórios e suas contribuições para a constituição do espaço citadino. Segundo Raquel Rolnik, a cidade é como um ímã, que atrai as pessoas. No caso de Teresina essa atração se deu pelas oportunidades que os migrantes supunham existir na cidade, ou seja, são atraídos por uma cidade idealizada em seus pensamentos.

O grande número de atividades realizadas na região Norte (olarias, produção de potes, extração de areia e seixo, vacarias, pesca, agricultura nas vazantes) da cidade favoreceram a atração de moradores de cidades vizinhas que, seduzidos pelo “cheiro” de progresso, acabam por provar o “gosto amargo” da miséria. A década de 1960 é marcada pelo maior fluxo de migrantes, um exemplo desse perfil de migrante é o caso da Senhora Davina de Oliveira Sousa, moradora histórica do Bairro São Joaquim, seu esposo já falecido, Antônio Ferreira de Sousa foi um dos pioneiros na ocupação das

quintas que mais tarde originariam o referido bairro. Davina reside no Bairro São Joaquim desde 1965.

[...] minha irmã mais velha veio pra cá pra Teresina, ela casou e veio morar aqui. [...] fiquei morando na Mineral lá onde minha irmã morava [...] nós vinhamo pra Nova Brasília [...] nós passemos lá trabalhando pro Seu Afonso que era o dono da vacaria. De lá nós vinhamo pra cá, assim no rumo do Poti, aqui perto daquela lagoa grande que tem aqui, onde era uma piçarreira.¹²

Dona Davina traduz de forma direta o perfil de migrante, ainda muito jovem sai de José de Freitas, vem para Teresina em busca de melhores condições de vida. Em Teresina ela trabalhou nas mais distintas atividades, como nas olarias, vazantes e em vacarias da região Norte.

Quanto ao processo de modernização ocorrido no Piauí, pode-se afirmar que toma maior impulso a partir da década de 1960, com reflexos expressivos na capital Teresina. Nesse período o país atravessava o período ditatorial marcado pelo grande poder de repressão dos militares. Teresina, nessa fase sombria da nossa história, é integrada na política de modernização pregada pelo regime. Assim como outros processos de modernização perpetrados em outras cidades, em Teresina, os segmentos sociais de menor poder aquisitivo deveriam ser afastados das áreas centrais e de expansão da cidade.

Durante a década de 1970 Teresina vivia o paralelo entre o processo de modernização contrastante com os costumes de uma cidade interiorana, os aspectos ligados às desigualdades sociais aumentavam, e dessa forma, refletiam o inchaço urbano que a cidade vivenciava. A chegada constante de migrantes na cidade acentuou esse contraste. No transcorrer da década de 1960, Teresina se expandia de forma efetiva para as regiões Norte, Sul e Leste, essas regiões iam se integrando à cidade através da abertura de grandes avenidas.

Entre 1967 e 1969, o prefeito Joffre Castello Branco mandou abrir grandes avenidas na cidade e assim transferiu centenas de famílias que tiveram suas casas desapropriadas para esta região que, no início, foi chamada pejorativamente apelidada de Favelão.¹³

De acordo com Regianny Lima Monte há grandes diferenças, se compararmos a Teresina da década de 1950 com a Teresina dos anos 1970, sendo que a diferença mais

¹² Davina de Oliveira Sousa. Entrevista concedida a Raimundo Pereira da Silva Filho. Teresina, 15/06/2011.

¹³ (SEMPLAN, 2000)

marcante é o aspecto urbano da cidade, que perde suas características provincianas e bucólicas, e assume um papel mais formal e indiferente traduzidos no concreto e no asfalto. Além disso, o processo de modernização acentua as disparidades sociais da cidade. Mesmo que atrasada, a política nacional de modernização pregada pelo regime só chega ao Piauí no final da década de 1960, enfocando principalmente a construção de conjuntos habitacionais e estradas. Sobre esse projeto de modernização afirma Regianny Lima:

A construção e a viabilização desse projeto modernizador para o país geraram uma série de mobilizações sociais no campo político e econômico, sendo também afetados os aspectos culturais e sociais. As décadas de 1960 e 1970 foram decisivas ao incutir o imaginário consumista de produtos industrializados, principalmente entre os setores das classes médias, além da venda da imagem da elevação dos padrões de vida, em especial, pelo processo de urbanização. Nesse sentido, trajetórias de vidas foram intensamente modificadas na medida em que os centros urbanos iam sendo vistos como lugares promissores para os diversos setores sociais.¹⁴

É importante observar que nesse contexto o Nordeste passava por um severo período de seca¹⁵, esse fenômeno atinge o Piauí de forma direta, uma vez que a economia do estado se baseava no setor primário, principalmente a agricultura e a pecuária. A crise da pecuária se agravou com a queda da oferta em relação ao aumento da demanda.

De acordo com informações coletadas no PDLI (Plano de Desenvolvimento local Integrado)¹⁶, em 1968 a população estimada de Teresina era de 205.000 habitantes, com crescimento anual superior a 4%. Apenas 38% da população era atendida com os serviços de água, ao passo que 49% era a quantidade de habitantes que contavam com energia elétrica em seus domicílios, em relação aos serviços de telefonia a cidade possuía em 1968 3.000 aparelhos. Sobre o sistema viário de Teresina o PDLI apresenta os seguintes dados:

A forma como se verificou, até agora, o crescimento urbano de Teresina não proporcionou um sistema de vias adequado que permitisse uma hierarquização lógica de acordo com as suas

¹⁴ MONTE, 2010, p.59.

¹⁵ Entre as décadas de 1960 e 1970 a Pecuária Extensiva passa por sérios problemas ocasionados por prolongados períodos de estiagem, que dificultam a produção de pasto para o gado, além da falta de água que acaba por extinguir centenas de cabeças-de-gado nesse período no estado.

¹⁶ Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina, elaborado em 1969.

finalidades. O traçado Ortogonal que caracterizou o núcleo inicial da Cidade foi se sucedendo de forma espontânea nos loteamentos.¹⁷

Na década de 1960 a cidade de Teresina “transborda” o perímetro urbano, ultrapassando no sentido Norte o obstáculo dos trilhos da antiga Estrada de Ferro Central do Piauí, com base em dois eixos, o primeiro representado pela Avenida Centenário que ligava o Centro da cidade ao Aeroporto e ao Poti Velho, o outro eixo de integração do Centro da cidade no sentido Norte é o prolongamento da Rua Rui Barbosa, que interligava à região central da cidade aos bairros Poti Velho e Matadouro. No sentido Sul, ocorria um rápido processo de ocupações após a construção da Estrada Nova (atual Avenida Barão de Gurguéia).

A partir do final da década de 1950, após a construção da ponte Juscelino Kubitschek, Teresina se integra a outras Capitais do Nordeste a partir da BR 343. No Centro da cidade, na região compreendida entre a Ponte Metálica à Avenida José dos Santos e Silva, é construída a Avenida Maranhão que passa a ser ponto de convivência, inserindo-se nesse contexto a construção da Praça Monumento Da Costa e Silva. Tanto a avenida como a praça passam a ser locais para a confraternização das famílias teresinenses, carentes de espaços de sociabilidades e lazer.

Para fortalecer e aprofundar esta pesquisa fiz uso de fontes Hemerográficas, que de certa maneira traduzem as diversas formas de se narrar e entender a cidade. Para Regianny Lima, é importante que o historiador atente para o uso dos discursos produzidos pelos jornais, uma vez que os mesmo não são neutros nem imparciais, já durante sua fabricação a notícia é embebida de subjetividades com as quais o historiador deve interagir.

¹⁷ (SEPLAN, 1969)



Figura 1: Trecho compreendido entre a Ponte Metálica e Avenida José dos Santos e Silva. Fonte: *Jornal Correio do Povo*, 12 de dezembro de 1975, p. 1.

1.3. O Espaço e as Representações da Rui Barbosa

A cidade mostra-se ao olhar e, dessa forma, é tida como um grande palco onde as tramas sociais são encenadas em praças, casas e ruas. O espaço urbano é rico em histórias, que se entremeiam e dão origem a uma rica trama de relações.

É interessante observar que o crescimento desordenado em Teresina, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, trouxe uma série de mudanças que modificaram de forma física a paisagem da cidade, sobretudo, em relação às camadas mais pobres da população que passaram a habitar lugares cada vez mais distantes do centro. Além disso, o poder público modificava o espaço através de grandes intervenções que pretendiam embelezar Teresina, e torná-la o “portão de entrada” do estado, porém, a memória da cidade provinciana não é apagada da lembrança dos velhos moradores, que convivem com o novo, mas preservam em suas memórias os hábitos, comportamentos e lugares que antes existiam na cidade.

Outro aspecto interessante é a relação entre os migrantes e a cidade, onde passam a residir e a construir uma nova vida. Esses migrantes percebem que os atrativos da cidade têm seu preço, um deles é a adaptação a novos hábitos que lhes são impostos pelos códigos de postura. Interessante que, apesar dessas exigências, esses migrantes conseguem preservar e praticar hábitos de suas terras de origem, como por exemplo, o hábito de jogar o lixo “no mato”. Os antigos moradores da Rui Barbosa, principalmente

os migrantes, conservam ainda hoje hábitos do interior, seja nas conversas de “porta de rua”, ou até mesmo nos hábitos alimentares, representados pelas comidas preparadas com partes exóticas de gado, porco ou bode.

O meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das *testemunhas* desaparecem, se apagam, o historiador que trabalha um passado mais recente fica sem guia. As lembranças se apóiam nas pedras, nas ruas, nos cheiros, nos símbolos e sons da cidade. Se o espaço é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira seu alimento. Em primeiro lugar, a casa dos pais, epicentro do mundo, de onde a cidade cresce em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas, as praças, cenário de brincadeiras, fofocas, intrigas, namoros, etc.

Dentro do estudo sobre cidade e suas facetas é importante analisar as partes que compõem essa trama, o bairro, a casa e a rua e, dessa forma, constituem um espaço que consegue ser homogêneo, ao mesmo tempo em que se mostra de forma fragmentada e diversificada. O espaço para Roberto DaMatta deve ser entendido partindo não do aspecto geográfico, mas sim pelo ponto de vista social, ou seja, o espaço é representado por algo simbólico, como uma árvore ou o “canto do cemitério”, que tem uma alta carga representativa, mesmo existindo apenas nas memórias dos moradores.¹⁸



Figura 2: Aniversário de 123 anos de Teresina.
Fonte: Jornal Correio do Povo, 16 de agosto de 1975.

No Brasil o endereço exerce uma função social, uma vez que sua simbologia vai além das estruturas físicas. No caso de Teresina as ruas recebem nomes que destacam

¹⁸ MATTA, Roberto da. A casa e a rua. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

alguma atividade desenvolvida, ou o nome de santos e personalidades de relevo dentro da sociedade. Nesse contexto a Rua Rui Barbosa na época do Império se chamava de “Boa Vista”¹⁹, com o período republicano recebe sua atual denominação em homenagem a Rui Barbosa, ministro da Fazenda durante o governo do Marechal Deodoro da Fonseca, autor da fracassada política econômica do Encilhamento.

Neste trabalho o espaço foi entendido como algo intimamente ligado aos processos de ocupação dentro de uma cidade, sobre o sentido do espaço, Paulo Aragão descreve que:

Decerto, o espaço é delimitado geograficamente e o traçado urbano da cidade indica isso de modo claro, independentemente das colocações sobre ser o espaço uma invenção social. Impossível perder de vista que as coisas acontecem em dado tempo, em dado lugar, e residem de modos diversos, na memória de cada um de nós.²⁰

Dentro do limite espacial e temporal, foi demarcado para esse estudo o trecho da Rua Rui Barbosa que vai do cruzamento com a Alameda Parnaíba até a antiga ETURB. O que chama atenção é que mesmo existindo uma série de normas e códigos de posturas urbanos, os moradores da rua “batizam” seus locais de convivência com denominações, no mínimo criativas, como por exemplo, o “*Ninho da Ema*”, prostíbulo, que ficava no cruzamento da Rui Barbosa com a Alameda Parnaíba. No decorrer da pesquisa, ficou bem claro nas entrevistas que a Rui Barbosa tem não só uma fisionomia como uma biografia. A rua tem sua infância, juventude, velhice. Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte improvisada lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar, a primeira igreja. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois os canteiros esverdeados. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de amarelo que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, o beco e a encruzilhada para as mandingas dos moradores.

¹⁹ O nome Boa Vista é uma alusão à Quinta da Boa Vista que cercava o palácio imperial.

²⁰ ARAGÃO, 2006, p.27.

2. AS HISTÓRIAS E RELAÇÕES SOCIAIS DA RUA RUI BARBOSA

Um livro pode fugir da censura dominante, um edifício jamais. Pode-se evitar a leitura de vários livros, não se pode evitar a leitura continua das casas e das ruas da cidade.²¹

2.1. O Processo de Formação do Espaço da Rua Rui Barbosa

²¹ GUIDUCCI, Roberto. *A cidade dos cidadãos: um urbanismo para todos*. Tradução de Patrícia M. E. Cenachi. São Paulo: Brasiliense, 1980.1980, p. 12

A Rua Rui Barbosa em seu trecho inicial, proposto no Plano do Conselheiro Saraiva²², se estendia da Praça Saraiva na parte sul, até o antigo Campo de Marte (atual estádio Lindolfo Monteiro), permanecendo assim até a década de 1920.

Após os serviços de instalação da via férrea na década de 1920, o Intendente Municipal Anfrísio Lobão inaugura o Matadouro Municipal, com isso a Rua Rui Barbosa é prolongada até o Matadouro, com o decorrer dos anos esse novo trecho da rua começa a ser preenchido por casas e estabelecimentos comerciais de pequeno porte. Com o aumento da população, principalmente a partir da década de 1950, os serviços essenciais como saúde, educação, moradia e abastecimento de água e energia elétrica são prejudicados, uma vez que, a chegada dos grupos de migrantes é cada vez maior.

Nessa época os governos, municipal e estadual, concentram suas ações em modernizar e embelezar Teresina, ao tempo em que procuram combater a crise dos serviços básicos. No campo da saúde pública, além da criação do SANDU²³, são executadas iniciativas de limpeza da cidade que irão se mostrar desde urbanização de alguns espaços até a construção de calçadas uniformes com o intuito de melhorar a estética da capital, no mesmo contexto tem início uma campanha contra as favelas de Teresina.



Figura 3: O Prefeito Wall Ferraz descreve a situação do lixo em Teresina.

Fonte: Jornal “Correio do Povo”, de 14 de dezembro de 1975.

²² O Conselheiro Saraiva foi responsável pela transferência da capital de Oeiras para Teresina no dia 16 de agosto de 1852. O lugar onde Teresina começou a ser traçada é conhecido pelos mais antigos como Chapada do Corisco.

²³ Pronto socorro da cidade na década de 1970.

O espaço da Rua Rui Barbosa, compreendido entre a Alameda Parnaíba e a Rua Sergipe, passa por intervenções significativas a partir da década de 1960. De acordo com Antônio Carvalho Melo,²⁴ funcionário público aposentado, ex- taxista e ex-militar, o abastecimento de água é feito pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), que instala seu depósito de canos e materiais no terreno do campo do “Brilhante”,²⁵ e inicia suas atividades na região a partir de 1959 com a construção de uma grande adutora concebida em três etapas, onde a primeira se estendia da Alameda Parnaíba vinda do Pirajá até o Morro do Urubu²⁶, a segunda etapa seguia pela Avenida Maranhão passando pelo Troca-Troca, prosseguindo até a Avenida Joaquim Ribeiro, Posto Presidente até o Morro Panorâmico na Piçarra. Já o terceiro trecho transcorria pela Rua Coelho Rodrigues até o INTERPI (Instituto de Terras do Piauí), daí seguia até a Igreja de São Benedito e Avenida Frei Serafim. Seu Melo conta que umas das casas mais antigas da rua (Figura 5), foi construída pelo seu sogro em 1937, a casa funcionava como comércio e como residência.



Figura 4: Uma das residências mais antigas da Rui Barbosa, construída em 1937 pelo cearense João Modesto Maranhão.
Fonte: Décio Braga.

²⁴ Antônio Carvalho Melo. Entrevista concedida a Raimundo Pereira da Silva Filho. Teresina, 2011.

²⁵ Segundo seu Alcides anteriormente no mesmo espaço existia um lixão, que foi retirado com a ajuda de tratores que aplainaram o terreno, onde os garotos começaram a jogar futebol, e durante o período da tarde com a incidência do sol sobre os cacos de vidro brilhavam. Hoje em dia, o campo do Brilhante abriga o edifício do Instituto de Educação Antonino Freire.

²⁶ Comunidade localizada no final da Alameda Parnaíba, fica entre os bairros Cabral e Porenquanto. Durante a gestão de Wall Ferraz, recebe o nome de Morro da Esperança.

É interessante observar que essas políticas de limpeza urbana tinham como foco além de embelezar a cidade, afastar as populações menos favorecidas de recursos para regiões mais distantes do Centro. Segundo seu Antônio Melo, o trecho da Rui Barbosa entre as ruas Alagoas e Paraíba era um banco de areia, o calçamento só chegaria em 1972, Seu José Felizardo da Costa era o mestre da obra do calçamento, já o asfalto só seria colocado na gestão de Freitas Neto. De acordo com Melo, a energia elétrica era muito fraca e vez por outra ocorria a interrupção no fornecimento, que era pelo IAEE (Instituto de águas e Energia Elétrica), que administrava a termelétrica.

O serviço de transporte público começou a ser executado no final da década de 1950, era feito por Seu João Modesto e João Caçula, logo depois surgem as lotações que funcionaram de 1972 a 1978, a partir de 1978 os serviços são executado pela empresa COIMBRA.

2.2. Histórias do Caminho

A Rui Barbosa, como um espaço de significados, constrói uma trajetória em que deixa de ser apenas um lugar de fixação (moradia) para ser uma passagem, levando de um ponto a outro da cidade. É lugar constituído por uma lógica própria e uma linguagem particular que se referem tanto aos valores que o compõem como a conceitos que o representam, destinados à interpretação e à construção da sua realidade. Como qualquer outra rua, a Rui Barbosa pode passar despercebida ao olhar de quem não vivenciou experiências em determinado edifício, não presenciou a construção de um deles, ou que não teve experiências de vida memoráveis e situações singulares. Mas quando se busca o contexto histórico, quando se busca a construção da história através da memória, o olhar para tais lugares se modifica. Esse palco chamado Rua, é o cenário perfeito para a realização de tramas sociais, no caso da Rua Rui Barbosa não é diferente, pelo fato de que a maioria de seus moradores é ou descende de migrantes de outras cidades ou estados. A partir desses aspectos, esses moradores irão desenvolver práticas e referências próprias em relação ao espaço onde moram.

A narratividade sobre a Rui Barbosa é muito forte e variada, tendo por base alguns depoimentos de moradores mais antigos, foram descritas histórias que foram ambientadas em diferentes espaços da referida Rua. Dentro do processo das entrevistas foram elencados “causos”, e histórias cotidianas, o que chama a atenção dessas histórias é grande força de adaptação dos moradores que habitam o espaço, os quais por morarem longe do Centro da cidade e chegarem de outros municípios, não são vistos com bons

olhos pelos moradores endógenos de Teresina, além disso, esses moradores convivem diretamente com a relação entre o oficial e o clandestino.

O principal entrevistado que teve grande importância na pesquisa, sem dúvida, é o Senhor Alcides Alves, ex-morador que residiu nos bairros Vila Operária, Matadouro, e São Joaquim onde atualmente reside, trabalhou na infância ajudando “marchantes” e principalmente nas Olarias. Alcides cita um verdadeiro roteiro espacial permeado de pequenos casos, ou histórias memoráveis. Destaco inicialmente sua rica descrição sobre a rua no trecho próximo ao Matadouro Municipal.

Naquele tempo, nos anos 1960, a Rui Barbosa da Rua Ceará até o Matadouro era um banco de areia, só tinha a trilha mesmo de um carro, se apontasse um aqui no Matadouro e outro lá tinha que parar um, o ônibus já sabia tinha que parar, por que não podia desviar por que se não ficava atolado, quando chegava no matadouro, ai não, ai tinha aquele teso duro, em frente o matadouro tinha uma empresa de asfalto por nome SUOP, que hoje se transformou em ETURB, era a SUOP, ficava ali onde é o clube do gari.²⁷

De acordo com Seu Alcides o espaço que fica em frente ao Cemitério São José, e que até a década de 1950 era conhecido como Praça São José em referência a denominação análoga ao Cemitério, no início da década de 1960 abrigava dois campos de futebol, o Brillhante e o Teresinense, Na década de 1970 esses campos deram lugar ao Instituto de Educação Antonino Freire. Durante o período em que os campos existiram, essa região era um dos pontos turísticos da cidade, talvez pelo seu grande número de prostíbulos, dentre esses estabelecimentos do prazer se destacaram dois, o “*Ninho da Ema*”, localizado próximo ao cruzamento com a Alameda Parnaíba, ficou conhecido por ser coberto com palhas de babaçu e, por conta disso, eram comuns incêndios provocados por frequentadores insatisfeitos ou rejeitados pelas garotas do lugar. O outro “brega” se localizava próximo aos trilhos da estrada de ferro, denominado de “*km 445*”, por conta do número do endereço do lugar, essa denominação era muito usada entre garotos que frequentavam o lugar para despistarem seus pais.

Com o grande crescimento da cidade e por consequência de sua população, a oferta dos serviços tidos como essenciais fica comprometida e saturada, exemplo disso é

²⁷ ALVES, 2011.

ocorreu com as escolas públicas que eram em número reduzido para a demanda crescente de alunos. Sobre essa situação o Seu Alcides afirma que:

Em 1964 eu estudava ali onde hoje é a UESPI, o nome do meu colégio de manhã era Oscar Clark e a tarde, por que naquele tempo eram poucos colégios, aí a tarde já mudava de nome, já era Monsenhor Esaú. Aí eu estudava no Monsenhor Esaú à tarde. Teve época aqui de o tanto de escola ser tão pouco pro contingente de alunos, que a gente estudava de 07:00 às 10:00, 10:00 às 12:00, 12:00 às 15:00 e de 15:00 às 18:00.²⁸

Além disso, na própria Rua Rui Barbosa existiam outras escolas, como a “Bezerra de Meneses” e a escola “Demerval Lobão” que ajudavam e suprir a oferta de locais de ensino.

2.3 A “trilha” dos Marchantes

Teresina até a década de 1970 era abastecida de carne pelo Matadouro Municipal, que por sua vez era munido de carne pelos Marchantes, que vinham tocando o gado de Goiás e interior do Maranhão, o gado vinha de lugares cada vez mais distantes devido às sucessivas crises ocorridas no setor produtivo local. Mesmo com a criação do FRIPISA (Frigoríficos do Piauí S.A.) na década de 1960, não foi suficiente para suprir o mercado local, além disso, ocorriam várias especulações em relação aos preços da carne, que ora subiam, ora decaíam. Esse processo de venda ilegal de carne foi combatido pela SUNAB (Superintendência Nacional de Abastecimento), que fiscalizava e penalizava quem realizasse tal infração contra a economia popular. Sobre o período da crise do abastecimento de carne em Teresina, seu Alcides afirma que:

A crise aumentou, por que pra vir porco, bode, tudo de Campo Maior, tornou-se mais caro, porque o porco naquele tempo ele vinha de balsa do Maranhão. Pra pegar esse porco aqui e levar pra Campo Maior, pra depois trazer, o custo ficava maior. Continuaram matando bode e porco aqui no Matadouro.²⁹

A atividade dos Marchantes era vital para a cidade, sobre o cotidiano dos Marchantes Seu Alcides descreve que:

²⁸ ALVES, 2011.

²⁹ ALVES, 2011.

Tinha uma pessoa histórica lá no Matadouro por nome chamado Antônio Benzin, que era o vigia do dia, encarregado do dia. Ai ele dizia: “Ataide”, que era o nosso chefe [...] ele já tinha 16 anos era quem tomava conta de nós meninos que ia pasturar gado. [...] Ai tinha os Marchantes né, que era Celso Brito, era Bendito Carvalho, era Cornéu, que eram os Marchantes que forneciam carne pra Teresina.³⁰

O gado ficava em um curral que se localizava no mesmo lugar onde hoje funciona o mercado público construído na década de 1980 e leva o mesmo nome da Rua Rui Barbosa. Desse curral o gado era tocado por pastoreiros, que não tinham mais de 15 anos, pela mata que existia no trecho até o Matadouro. A função exercida por Antônio Benzin era admirada por seus companheiros de labuta, isso fica evidente na fala de Seu Alcides:

[...] aí a gente saía tocando o gado, chegava lá o Benzin tava em cima da porteira. Às vezes a gente deixava uma, duas reses que davam trabalho [...] aí ele ficava em cima da porteira, aí chamava: “Taide! Tá faltando dois gado e é de fulano de tal”, a gente olhava o ferro e era mesmo.³¹

Alguns marchantes no período de crise do abastecimento de carne tinham carro próprio e moravam em boas casas.

2.4. O Matadouro Municipal

O primeiro Matadouro Público de Teresina foi instalado no final do século XIX, na região próxima ao Quartel do 25º BC, posteriormente foi transferido na década de 1920 para um prédio construído na gestão de Anfrísio Lobão. O Matadouro Municipal tinha uma “solta”³² que se estendia da Rua Rui Barbosa até o Rio Parnaíba, alguns funcionários do Matadouro ergueram casas nessa gleba que acabou dando origem ao tradicional Bairro do Matadouro. O cotidiano do Matadouro era frenético, se iniciava nas primeiras horas da manhã, a partir do momento onde era abatido o gado, os moradores da região se aglomeravam na espera de comprar “tripa”, “fuçura”, “bofe”, além das patas e rabo, que tinham mais “saída” por conta do baixo preço. Sobre a importância do Matadouro, Seu Alcides lembra que “o Matadouro era aquele movimento, era fartura, era o ponto de equilíbrio da Zona Norte. Todo mundo vivia com

³⁰ ALVES, 2011.

³¹ ALVES, 2011.

³² Termo usado para denominar o local amplo destinado à pastagem do gado.

a barriga cheia. Quando esse Matadouro saiu daí em 1979[...] começou crise no bairro.”³³

É perceptível na análise das entrevistas, a relação dos lugares de memória com outros indivíduos, pois vários dos lugares anunciados remeteram a pessoas conhecidas, familiares e nomes, sendo assim lembrar a Rui Barbosa é também lembrar de pessoas e do cotidiano da cidade. Entendendo que os lugares remetem a pessoas, vários funcionários do Matadouro são sempre lembrados, entre os mais lembrados tem-se o Luisão, o Gordinho e Viera Touranga, que eram motoristas do Matadouro a serviço da Prefeitura e tinham como função levar a carne para os diferentes mercados da cidade.

Com o fechamento do Matadouro passaram a dirigir os caminhões da coleta de lixo da cidade, sendo o caminhão dirigido por Viera Touranga o mais enfeitado. Com o início das atividades do FRIPISA o Matadouro é fechado, porém com a falta constante de carne em Teresina, uma vez que o FRIPISA abastecia a cidade de forma precária, a Prefeitura resolve reabrir o Matadouro, que nos anos seguintes é fechado em definitivo por conta da diminuição dos rebanhos do estado, que passa a comprar gado de outras regiões produtoras, como o Maranhão e Goiás.

2.5 As “quintas”

Até a década de 1950, existiam glebas denominadas de quintas, as três principais eram a do Pirajá, Acarape e a do Matadouro. Na quinta do Pirajá funcionava o Campo de Fomento que foi transferido para o terreno onde atualmente funciona a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), em seu lugar foi construído os Grupos Escolares Oscar Clark e Monsenhor Esaú, no final da década de 1960.

A quinta do Acarape era de propriedade de Seu Evandro Rocha, homem de estatura baixa que usava terno e tinha como principal diversão caminhar até a casa de suas filhas, localizada na Rui Barbosa. Na quinta de Seu Evandro tinha uma olaria que fornecia tijolos para a Prefeitura, na década de 1960 foi construído um Conjunto habitacional pelo INOCOOP nas proximidades da quinta, por conta disso o Conjunto foi denominado de Acarape. A quinta do Matadouro, como já foi dito funcionava como “solta” para o gado, que com o passar do tempo várias pessoas construíram suas casas no entorno do Matadouro.

Após a quinta do Matadouro, existiam as quintas do Prefeito Joel Ribeiro, do Seu Lourenço Cabrinha, Seu Dantas e Seu José Nelson. O nome da quinta do Prefeito

³³ ALVES, 2011.

Joel era São Joaquim, sendo esta invadida por algumas famílias que formaram o bairro São Joaquim das Mangueiras. A quinta do Seu Lourenço Cabrinha se localizava à margem do rio Parnaíba. Seu Alcides, lembra que Lourenço era um homem “frio”, que não tinha duas palavras.

Lourenço Cabrinha era tão bruto, que deu câncer em cima do pé. Quando o doutor disse pra ele que era câncer, morreu lá dentro e não pisou mais na Rui Barbosa [...] criou ódio, disse que doutor era o maior ladrão, ficaram enganando ele até na hora que disseram que era pra ele morrer [...] ele ficou na beira do rio [...] eu trabalhava pra ele com meu pai [...] Aí a gente chegava de manhã ele tava lá com aquele mundo de galinha, aqueles 50 cachorros [...] vinha duas pessoas com um cambo de fuçura, pra cozinhar e dar pros cachorro dele todo dia [...] Ele era tão ruim, ruim não, ele era uma pessoa, assim, legal, agora, a palavra dele era só uma.³⁴

Na região da Lagoa Azul ficava a quinta do Seu Dantas, que também é lembrado, assim como Seu Lourenço, como um homem muito ignorante e solitário. Sua quinta era frequentada por conta das deliciosas mangas que tinha, para evitar furtos, seu Dantas colocou um capanga armado para afugentar os ladrões.

2.6 O “Batismo” da Rua do “Pau-da-Moça”

Algo que me chamou a atenção foi o fato das pessoas da região “batizarem” as ruas, mesmo essas já possuindo um nome “oficial”. Esse o caso da Rua Telegrafista Francisco Medeiros, que intercepta a Rui Barbosa na altura da antiga ETURB. Esse trecho tem um dos “batismos” mais interessantes, e o que tem uma maior capilaridade na memória local, porém são poucos que sabem o significado desse “batismo”.

Aquele trecho da Rui Barbosa perto da ETURB era uma mata onde existiam apenas veredas, é nesse espaço que Seu Alcides, seu pai e Seu Isaías transformam-se em personagens principais dentro da história da Rua do “Pau-da-Moça”. Seu Alcides relata que:

Nós vinha vindo pra olaria, três horas da manhã. Eu com uma lata, naquele tempo tinha umas lata de bolacha Maria, era meia lata, aí eu não podia com a latona, eu tinha 13 pra 14 catoze ano, eu fazia a rudia, botava aqui, por que era muita areia, que era pra jogar no lastro do tijolo. Eu venho com a meia lata, o papai com uma lata e Seu Isaías com outra lata. Aí quando eu escutei: “oh meu Deus, oh meu Deus”, aí eu gritei: “papai”, eu vinha lá atrás, “papai tem uma pessoa pedindo socorro bem ali dentro do mato”. Ai ele chegou, botou a lata no chão,

³⁴ ALVES, 2011.

aí ficamo ouvindo, quando a menina se lastimou lá, “oh meu Deus, oh meu Deus” [...] Ai eles vinha cada um com um facão na mão, que era pra riscar os tijolos, aí nós fomo lá pra dentro do mato. Tinha um pé de Pau-d’arco, ele era dessa grossurinha, que ele foi que se transformou no Pau-da-Moça.[...] aí o papai disse: “vai lá no Bar São José”, que é lá no canto do canto do Cemitério, ali era o ponto turístico de Teresina [...] corra até lá e diga pro Cavalo-do-cão vir aqui, que era um dos motorista de táxi mais antigo.³⁵

A garota era estudante da escola Lourival Parente, e na saída da escola pegou carona com um homem que pilotava uma vespa, ele trouxe ela pra essa região próxima da ETURB, onde a estuprou e depois a estrangulou. O serviço de saúde era precário, e a garota foi levada para o SANDU, aonde chegou a ser atendida, mas não resistiu aos ferimentos. Esse local tem grande influência na memória coletiva dos entrevistados, pois a Rua do “Pau-da-Moça configura-se como o espaço de uma expressiva experiência vivida em grupo.

É interessante observar como o nome “oficial” é suprimido pelas raízes de uma história que é anterior à própria existência da Rua. Com o avanço das construções de casas, o Pau-d’arco é cortado, mas esse corte apenas anulou um símbolo físico de uma história latente na memória de muitos moradores. Sobre o “pé” de Pau-d’arco, Seu Alcides descreve uma frase que dá contornos únicos a essa história, isso fica evidente quando afirma que “ o tronco ficou grosso, cresceu, ele se deu bem com o adubo de sangue”.³⁶

2.7 Lugares “Místicos” e histórias engraçadas

A memória é afetiva e mágica, não se preocupa com detalhe, alimentando-se de lembranças vagas, telescópicas, flutuantes, lembranças particulares e até mesmo simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas ou projeções. Entretanto, a memória ativa uma curiosidade também pelos lugares onde ela se cristaliza, se guarda, está ligada a um momento particular da história. Segundo o autor Pierre Nora, para entender a problemática dos lugares, em determinados deles há resíduos que despertam uma ruptura com o nosso presente:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por

³⁵ ALVES, 2011.

³⁶ ALVES, 2011.

isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos.³⁷

É nesse sentido que se baseia o presente trabalho, demonstrando a ausência da história desse importante lugar de memória na história do município, que é a Rua XV de Novembro. Rua esta, que fez e faz parte do cotidiano dos indivíduos de São José dos Pinhais: hoje grande centro de comércio; no passado grande rua cercada com suas residências e terrenos extensos, residências de famílias influentes na sociedade, rua onde se localizava a Igreja Matriz do município, instituição fundamental para o desenvolvimento da cidade.

A memória se insere no ambiente da rua, fortemente com os festejos, curso de carnaval, festas juninas, história míticas que unificavam os habitantes e seus grupos, despertando assim um sentimento intenso de pertencimento da cidade. A esse respeito, no decorrer da pesquisa foram inúmeros os relatos sobre histórias e lugares com forte apelo sobrenatural, além disso, foram constantes também histórias engraçadas sobre alguns moradores das proximidades da Rui Barbosa. O “Cajueiro da Nega” ficava antes da “Volta do Tucum”, no atual bairro Nova Brasília. Sobre esse lugar Seu Alcides recorda que:

O Cajueiro da Nega era um ponto de assombração, o pessoal diz que quando passava lá depois de 12 horas da noite, se arrupia todo, ouvia burburinho. Eu passei muitas vezes lá mais o papai 4 horas da manhã pra ir trabalhar nas olarias, mas nós nunca viu nada não. Mas o pessoal dizia: “olha o Cajueiro da Nega, olha o Cajueiro da Nega”.³⁸

As experiências na rua e o carinho do povo para com esse espaço são notados nos depoimentos, nos fatos corriqueiros e rotineiros apresentado pelos velhos moradores da cidade. Além do “Cajueiro da Nega”, existia uma mata de tucuns próxima à vacaria do Seu Afonso, onde atualmente funciona um Posto de Saúde Municipal, essa mata tinha tantos espinhos que Seu Alcides descreve “que era uma moita de tucum que

³⁷ NORA, 1981. p.09.

³⁸ ALVES, 2011.

tijubina andava”,³⁹ porém seu bisavô retirava os brotos das palmeiras de tucum para fazer cordas, e em uma dessas idas pra tirar brotos acabou protagonizando uma narrativa mística descrita por Seu Alcides:

Meu bisavô, ele era fazedor de corda de tucum, naquele tempo num tinha essas outra corda, era corda de tucum. E ele vinha pra cá de manhã, aí quando dava meio dia, eu vinha com um carrin [...] aí eu botava ali cinco, seis feichos de oi que ele já tinha tirado [...] aí eu botava aqui que era pra facilitar pra ele de tarde levar poquin. Ele saía de casa 5 horas da manhã e botava uma péa de fumo na boca, ele não almoçava, ele não bebia, chegava em casa 7 horas da noite, só com essa péa de fumo na boca. [...] aí um dia bem ali [...] uma cobra verde quase mata ele. Quando deu 9 horas, cheguei pra pegar os óis de palha que ele tinha cortado. Ele tava caído, eu disse: “vovô o que foi, tá cansado?”, ele disse: “meu filho olha ela aí, quase me matava essa bichinha aí” [...] por que se ele olhasse pra cobra, se ele visse a cobra primeiro, ela já morria logo. E ele não percebeu a cobra verde, no mês de março, o mato todo verdinho [...] ele pisou nela, ela virou e mordeu ele em cima do pé [...] inchou desinchou [...] quando tava na quinta vez que ele inchava, ele disse: “meu fí vai parar, por que se inchar agora dessa vez não completa as sete.”⁴⁰

Relatos como esses demonstram como são fortes as crenças dos moradores da Rui Barbosa, mas nem só de histórias místicas vive esse caminho, também ouvi diversas relatos, que mostram que, apesar das dificuldades, esses moradores têm muitos motivos para sorrirem para a vida. Com base nisso, destaco a seguir algumas dessas histórias baseadas na entrevista de Seu Alcides. A primeira história a ser destacada trata da ignorância e do mau humor de Senhor Lourenço Cabrinha.

Se você chegasse lá e dissesse assim: “Seu Lourenço, eu queria que você me desse uma manga”, ele dizia: “meu fí panhe aí, tem tanta manga aí, pode pegar uma manga aí”, se você pegasse duas ele dizia: “opa, deixe a outra aí, você me pediu só uma”.⁴¹

Outro relato engraçado ocorre quando “Seu” Alcides sai em busca de um taxista chamado “Cavalo do Cão”:

Aí eu corri, cheguei lá, aí eu disse:”Seu Luís”, aí ele não ouvia bem se chamasse o nome dele, tinha que chamar Cavalo do Cão mesmo, eu disse: “Seu Luís Cavalo do Cão”, ele disse: “menino do Ridinha, que diabo é que tu faz aqui, numa hora dessa, no cabaré?”⁴²

³⁹ ALVES, 2011.

⁴⁰ ALVES, 2011.

⁴¹ ALVES, 2011.

⁴² ALVES, 2011.

A causa da pergunta de “Seu” Luís se explica pelo fato de ser comum a alguns adolescentes frequentar os “bregas” sem a permissão de seus pais.

No espaço correspondente à atual Rua Minas Gerais, ocorreu um embate interessante entre a moradora Maria das Dores e o Prefeito da época Joffre do Rego, tal relato foi descrito pelo Seu Alcides:

A Dona das Dores [...] era desbocada, ela dizia mesmo o que queria. Aí o Coronel Joffre disse: “sai daí véia do diabo, se não eu mando passar o trator por cima”, ela disse: “eu não saio daqui não praga, tu ta pensando Joffre que tu é mais homem do que os outros, esses meninos tudin aqui é filho de homem, tenho medo de homem não [...] e eu não vou tirar eles daqui, que eu não tenho onde morar com eles não”, aí ele disse assim: “que não tem onde morar, vai morar debaixo do pé-de-pau, aí ela disse: “eu não sou cunhão não, quem mora de baixo de pau é cunhão”.⁴³

As crianças nesse contexto exerciam várias atividades, que iam da limpeza de quintas, até trabalhar no “canto de carro”, dessa forma, a vida nesse período era uma espécie de viver o momento, onde se trabalhava para sobreviver dia após dia. Com relação a esses trabalhos, Seu Alcides descreve, de forma engraçada, a rotina de trabalhar para Seu Pedro Pulsa:

O Pedro Pulsa [...] a gente trabalhava no canto do caminhão dele. Quando era dia de sábado ele dizia: “menino vamo fazer uma limpeza lá no meu quintal, e vamo derrubar umas manga lá”, ele só tinha manga selecionada que ele tinha trazido de Piracuruca. [...] aí ele dizia assim: “limparam?”, limpamo, “agora vamo derrubar as manga”, aí ele escolhia um de nós, aí ele disse: “Cazumba sobe, mas sobe assuviando”, “porque Seu Pedro?”, “sei lá se tu vai subir aí, ficar calado lá só comendo minhas manga, e tu tando assuviando eu sei que tu não tá comendo”. Mas o Cazumba era mala [...] lá de cima ele jogava a manga lá no mei da rua, dentro do mato. Aí ele disse: “rapaz faz hora que tu num joga uma manga rapaz”, “é porque eu to caçando as melhor, que você só pode comer as manga melhor”. As melhor ele jogava lá pra nós comer depois.⁴⁴

No trecho acima se percebe o alto grau de ligação do migrante com sua terra natal, refletida no contraste de se construir uma nova vida em Teresina, sem perder os laços culturais com a sua terra de origem.

⁴³ ALVES, 2011.

⁴⁴ ALVES, 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem das cidades e de seus espaços colam em nossas memórias. Andamos pelas ruas e somos afetados por sentimentos diversos sobre pessoas de nossa rede de pertença (e outras que estranhamos), sobre os lugares que nos são familiares (evitamos outros), enfim, estes tantos arranjos sociais nos configuram um sentido de ser e estar na cidade. A descrição da cidade que habita em nós e que nós habitamos, é uma narrativa que se apresenta no arquivo das lembranças de seus habitantes. Nesse sentido, a Rua Rui Barbosa foi entendida neste trabalho como o lugar de moradia, lugar de passagem, de diversão, de conflito, de trabalho, o lugar da necessidade e de sobrevivência, lugar de comércio, lugar de trânsito e, sobretudo, lugar de memória.

Trabalhar com as histórias e memórias de uma rua foi um exercício de muita paciência, esforço, mas principalmente de honra, devido à forte ligação do autor com a maioria dos lugares citados, seja pela vivência, seja pela memória herdada, ou até mesmo pela riqueza da oralidade de moradores mais antigos, que carinhosamente chamam a Rua Rui Barbosa de Avenida. O interesse em estudar a rua aumentou pelo fato de não existirem trabalhos sobre a Rui Barbosa de forma específica. Com base nisso o estudo foi embasado por outras teorias e pesquisas sobre rua, que muito ajudaram a entender o funcionamento e organização do espaço da rua.

Além das fontes escritas, foram de extrema importância as entrevistas colhidas ao longo da pesquisa, que possibilitaram um enriquecimento, “quebrando o gelo” e a “frieza” transmitidos pelo documento escrito.



Figura 5: Bar dos “pés-inchados”, na esquina da Rua Rui Barbosa com a Rua Sergipe
 Fonte: Décio Braga/2010

Cheguei à conclusão de que a função inicial da Rua Rui Barbosa era a de ligar o Matadouro Municipal ao Centro da cidade, com o passar do tempo e com o aumento da população, a rua se amplia e passa a ter várias funções, como residencial, via de escoamento da produção das olarias, além da função comercial.

É interessante observar a criatividade da população local, quando por exemplo fazem um campo de futebol onde antes era um lixão, no caso do Campo do Brilhante, ou então quando “batizam” ruas em homenagem à algum acontecimento, como no caso da rua do “Pau-daMoça”.

Ficou evidente que a maioria da população residente na Rua Rui Barbosa era formada em sua maioria por migrantes, sobretudo vindos do Ceará, que traziam para Teresina além da bagagem, seus costumes, suas crenças e festas. Eram pessoas tementes à Deus, mas que vez por outra acreditavam em “vizagens” ou em lugares assombrados.

É importante observar que a região do entorno da Rua Rui Barbosa durante o período do recorte histórico da pesquisa funcionou como um “depósito” de desabrigados

REFERÊNCIAS

Documentos oficiais

PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). Construções e Planejamento S.A(COPLAN). Newton Oliveira (coord.). 1969.

MOREIRA, Amélia Alba Nogueira. A cidade de Teresina In: Boletim Geográfico. Rio de Janeiro: Fundação IBGE. Ano 31, set-out de 1972.

Entrevistas

MELO, Antônio Carvalho. Entrevista concedida à Raimundo Pereira da Silva Filho. Teresina, dez. 2011.

SILVA, Alcides Alves da. Entrevista concedida à Raimundo Pereira da Silva Filho. Teresina, ago. 2011.

SOUSA, Davina de Oliveira. Entrevista concedida à Raimundo Pereira da Silva Filho. Teresina, mai. 2011.

Pesquisa hemerográfica

Jornal *O Dia* (1969)

Jornal *do Piauí* (1970)

Jornal *Correio do Povo* (1975)

Fontes bibliográficas

ARAGÃO, Paulo Maria de. Rua carapinima: ecos e ícones. Fortaleza: Imprensa universitária, 2006.

CHAVES, Monsenhor Chaves. Como nasceu Teresina In: Teresina: subsídios para a história do Piauí. Obra Completa. 2.ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1998.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad.Ephraim F. Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. 2.ed. Algés: DIFEL, 2002.

CORRÊIA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 4.ed. São Paulo: Ática, 2003.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

MATTA, Roberto da. A casa e a rua. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MONTE, Regianny Lima. Teresina sob os anos de chumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente. Monografia. (Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

_____ A cidade esquecida: representações e (re) sentimentos dos pobres urbanos em Teresina na década de 1970, 2010. 250 fl. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina 1937-1945. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano In: Estudos Historiográficos. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.

RAMINELLI, Ronald. História urbana In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia. São Paulo, Campus, 1997.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1998.